



FGV ENTRE AS MELHORES DO MUNDO

Na busca pela excelência, a meta agora é a construção de pontes para outros think tanks mundiais, competindo em igualdade de condições. Estar entre os 30 melhores think tanks mostra que a direção está correta

Por Carlos Ivan Simonsen Leal

A Fundação Getúlio Vargas está entre os 30 mais importantes centros de estudo do mundo, segundo pesquisa realizada em 2007 pelo Think Tanks and Civil Societies Program – um projeto do Foreign Policy Research Institute (Instituto de Pesquisa em Política Externa), com sede na Filadélfia, Estados Unidos. O levantamento aponta os principais centros de excelência em pesquisa nos Estados Unidos e no mundo. A FGV foi a única instituição brasileira a constar na lista de *think tanks* globais.

Antes de avançarmos, porém, é preciso entender o conceito de *think tank*. Para a revista *The Economist*, por exemplo, são organizações capazes de reunir em torno de si qualidades como profundidade intelectual, influência política, ampla margem de atuação, algum talento para projetar-se e um quê de excentricidade. Não é exatamente uma universidade, embora esta possa conter até mais de um *think tank*. Nem necessariamente é (ou está ligado a) uma instituição educacional. Na verdade são instituições que produzem conhecimento por meio de pesquisas e análises para orientar a formulação de políticas públicas, tanto na área de política social, quanto nas de economia, ciência, tecnologia, e nos setores industrial, empresarial e militar. São centros de excelência em pesquisa sobre determinado assunto. Ou ainda um “catalisador de idéias” como sugere a expressão inglesa.

O estudo da FPRI (www.fpri.org) foi coordenado pelo pesquisador James G. McGann, consultor do Banco Mundial

e da Fundação Bill e Melinda Gates, entre outros. Ao todo foram identificados 5.080 *think tanks* pelo mundo, 1.776 deles só nos Estados Unidos. A distribuição ao redor do globo é a seguinte: 37,87% na América do Norte; 23,58% na Europa Ocidental; 11,83% na Ásia; 9,51% na Europa Oriental; 8,03% na América Latina; 5,39% na África; e 3,78% no Oriente Médio. No ranking numérico, o Brasil ocupa a 21ª posição, com 38 importantes centros de estudo. A lista com os 10 mais influentes dos Estados Unidos e os 30 mais influentes do mundo foi elaborada a partir do resultado de uma votação mundial, da qual participaram renomados pesquisadores, doadores públicos e privados, membros de ONGs e especialistas em políticas públicas. Estar nessa lista é um reconhecimento internacional, portanto, da Fundação Getúlio Vargas.

O alcance nacional

O conceito de *think tank* é bastante abrangente, mas dois elementos são típicos: grande produção intelectual e grande foco na difusão. Às vezes as entidades têm grande difusão de idéias, mas não têm grande produção intelectual. Eroneamente, há quem diga: “Aí está um *think tank*”. E não é, porque não conta com um fórum interno a partir do qual sejam geradas as idéias. Ou seja, a instituição pode contratar fora dos seus quadros toda a produção acadêmica ou intelectual. E, embora tal produção possa sair com o selo da instituição, sabe-se que foi produzida por gente de fora. É uma instituição que, no fundo, dedica-

se apenas à difusão: seleciona o conhecimento, compra o conhecimento e difunde o conhecimento. Num *think tank* existe o processo de *criação* das idéias, das análises, das pesquisas. Essa produção extravasa os muros da instituição pela qualidade, permitindo a difusão das idéias em redes de interação.

A maior parte dos *think tanks* apontados pela FPRI se dedica a temas ligados a desenvolvimento econômico e social. Mas não é uma regra. Nada impede que um centro dedique-se exclusivamente à análise das condições sociais de determinado país, ou da distribuição de renda, da evolução do sistema jurídico de determinada região do planeta. A ex-União Soviética, por exemplo, mantinha um instituto de estudos americano-canadenses. Era um *think tank* destinado a analisar tais países do ponto de vista sociológico – e não do militar, como seria provável supor –, ou seja, analisava a eventual aplicabilidade de idéias americanas e canadenses na geopolítica do mundo. Um exercício para tentar entender o outro.

A idéia do levantamento internacional de *think tanks* obviamente significa comparar centros de pesquisa que não são iguais nos seus respectivos produtos. Quais são os maiores do mundo? Não há uma régua com a qual medir. O critério seria a produção intelectual? A quantidade? Ou a qualidade do impacto na sociedade? Ou, ainda, a capacidade de difusão? A localização? Posso imaginar algo como seis critérios: 1) a quantidade da produção intelectual; 2) a qualidade dessa produção; 3) o impacto na sociedade; 4) a qualidade desse impacto na

sociedade; 5) o tamanho da rede de interação; e 6) a capacidade de difusão do conhecimento. A Fundação Getúlio Vargas certamente se encontra muito bem colocada em todos esses pontos. Não só no Brasil, onde é preponderante nos vários temas em que atua, mas no trabalho de *think tank*.

Não significa sermos maiores ou melhores do que uma ou outra universidade cuja produção se desenvolva em áreas comuns às nossas. Estou destacando a atividade de *think tank* da FGV, um trabalho muito maior do que o realizado por outras instituições no Brasil: maior no resultado, no impacto, na capacidade de difusão, na influência no campo das idéias. Inclusive com indicadores quantitativos, atestados pela presença na mídia, sobretudo nos cadernos políticos, econômicos e culturais, além de seminários promovidos em todo o país, da qualidade e da quantidade de alunos, e dos inúmeros projetos estratégicos de reforma do Estado implantados no país ao longo dos mais de 60 anos de atividade da FGV. O nosso alcance é realmente nacional.

Estímulo ao desenvolvimento

A Fundação Getúlio Vargas tem uma característica peculiar que a distingue de vários *think tanks* pelo mundo: possui não só a capacidade de análise, mas também a da inovação.

O curso de Direito em São Paulo, por exemplo, tem um componente fortíssimo de pesquisa. Se tivermos que desenhar hoje em dia uma estratégia geopolítica para o Brasil, seria possível ignorar os foros de negociações na OMC? Ou temas de direito internacional e de direito público, no nosso e em outros países? O conhecimento de uma escola de Direito sofisticada, como as que temos em São Paulo e no Rio de Janeiro, aplicado no conjunto da sociedade, significa um sem-número de inovações – reforçando consideravelmente nosso potencial como *think tank*. Ao contrário de outras instituições brasileiras bastante organogramáticas, a nossa funciona de forma matricial na criação de idéias, e por tradição. Isso significa inter-relacionar Direito com administração pública, economia, sociologia, ciência política e outras análises nos mais variados campos do conhecimen-

Os primeiros cursos de Economia, a origem da Administração... O objetivo da FGV é estimular o desenvolvimento nacional. É sua única missão

to. A FGV se destaca a nível mundial porque procura interagir não só com questões brasileiras, mas também com questões externas que afetam o Brasil.

Outra característica brasileira é a de possuir vários embriões de *think tank* fora do governo, espalhados pela sociedade. São fóruns abertos, que pensam os problemas do país sem as restrições da política do momento e podem olhar a longo prazo com mais facilidade. O longo prazo é determinado pelo pensamento presente nesses lugares. Se pudermos compreendê-los, e eles nos compreenderem, certamente, a médio prazo, sairemos com um relacionamento melhor e mais proveitoso para todas as partes. Em outras palavras, a FGV começa hoje a pensar na construção de pontes para outros *think tanks*. E não estou falando de relacionamento só entre centros de estudo, mas entre nações.

Temos um grande projeto, o de desenvolver o Brasil. A FGV é um centro de estudos que se alimenta das suas escolas e institutos para gerar e difundir conhecimento. A soma do todo é maior do que a soma individual dos seus componentes. É difícil perceber de fora. Uma pessoa leiga, por exemplo, pensa imediatamente em índice de preço quando ouve falar em FGV. Claro, são 60 anos de cálculo de índice de preço. Mas talvez outros se lembrem de um sem-número de fatos no país que também começaram com a FGV. Às vezes criamos uma estratégia ou projeto e os plantamos em outro lugar para que continuem vicejando e tomem vida própria. Os primeiros cursos de Economia no Brasil, por exemplo, e a origem dos programas de Administração, tanto pública quanto empresarial, estão ligados à FGV dentro de uma visão de plane-

jamento, de liberdade, de preocupação com o crescimento econômico e social que perpassa a nossa história ao longo de 64 anos de trabalho. A Fundação Getúlio Vargas é uma instituição sem fins lucrativos cujo objetivo é estimular o desenvolvimento nacional. É a única missão.

Qualquer instituição de ensino de boa qualidade, entre outros inúmeros centros, pode dizer que tem essa missão. É evidente. Como caracterizar e especificar, então, o que faz a FGV? Uma forma seria ler todos os detalhes da missão descritos no nosso estatuto. Outra mais simples é olhar a nossa história como instituição e a história das nossas realizações. O que fizemos foi trazer para o *ethos* brasileiro a racionalidade na gestão da economia, na administração pública e na de empresas. A FGV como *think tank* é mais do que um centro de estudos. É um centro de estudos com uma missão específica, sem a qual não é possível elaborar nada.

Uma ampla vocação

A Fundação Getúlio Vargas acredita no homem, e, para desenvolvê-lo, é preciso desenvolver a educação. Que tipo de educação? Aí está embutida a idéia de ensino matricial. É a grande reinvenção da proposta de um Direito não só voltado para o litígio, mas para a melhoria dos negócios. Claro que os nossos alunos saem preparados para as questões litigiosas, se necessário, e para o sucesso profissional, mas eles saem preparados para ainda mais: são capazes de gerar externalidade para a sociedade como um todo. Nosso projeto seria um fracasso se gerássemos apenas advogados cujo interesse maior fosse ganhar dinheiro. Temos que gerar intelectuais, magistrados sérios, advogados competentes e, sobretudo, todos munidos de elementos culturais e de identidade nacional como balizas para a reflexão.

O Brasil tem uma cultura própria muito forte. Infelizmente pouco difundida. O público em geral não tem acesso. O conhecimento fica enclausurado. É preciso difundi-lo. E, para isso, não é imperativo baixar a qualidade. Sob vários ângulos, os cursos da FGV são os melhores do país nas suas respectivas áreas em todas as avaliações às quais fomos submetidos. Queremos o máximo em qualidade. Seja na graduação, na pós-graduação, na pesquisa acadêmica. Se estamos

contentes? Não estamos, porque nada disso adianta (ou pouco adianta) para o país. Adianta para o Brasil a FGV fazer um esforço contínuo para competir em igualdade de condições com os melhores centros de estudo do mundo e entrar na liga dos mais influentes e conceituados. Não estaremos satisfeitos enquanto não atingirmos tal objetivo. O levantamento da FPRJ aponta que estamos na direção correta. Embora não tenha sido uma competição por região geográfica, apenas uma lista com os mais conceituados dentro e fora dos Estados Unidos, acredito que alguns dos *think tanks* listados entre os melhores de lá não são tão bons quanto a FGV. O meu objetivo é que o Brasil tenha um desses centros competindo com os melhores do mundo. Ainda estamos longe, pois leva tempo e dinheiro construir uma instituição do porte. Afinal, desenvolvimento do país é uma vocação bastante ampla.

Solavancos no caminho

O momento atual da economia brasileira é excelente. E partiu de uma medida fundamental, o ajuste fiscal 2003/2004. Sem o ajuste, mesmo com o ambiente externo favorável, não estaríamos colhendo os frutos. O atual momento só foi possível porque houve um presidente com capital político suficiente para investir no desgaste de fazer tal ajuste. Do Plano Real em 1994 até meados de 2002, houve um grande esforço para baixar a inflação. No momento possível, veio o ajuste fiscal mais forte, o que consolidou uma situação da qual nos beneficiamos hoje. Se perdermos o ajuste fiscal, podemos perder a bonança. Não existe milagre em economia. Existe esforço, trabalho, planejamento. É preciso frisar que a Fundação Getúlio Vargas não é uma entidade partidária e a minha observação aqui é apenas de cunho sociológico.

Ajuste fiscal quer dizer recessão, depois vem o crescimento. O momento que o Brasil vive hoje se deve à maior prudência fiscal, ao vento favorável externo e a uma demografia em mudança, que está criando uma janela de oportunidades sem igual. Com alguma sorte, os próximos 10 ou 15 anos podem ser muitos bons para nós. Dependerá de uma série de eventos – alguns sob, outros fora de nosso controle. O que

digido é a minha opinião, e não como presidente da FGV, mas como pesquisador e professor de Economia. Nos próximos 10 ou 15 anos haverá pressão para cima no preço das commodities, com flutuações, devido à entrada da China e da Índia no mundo, na economia de mercado. E o Brasil está sendo beneficiado por isso. As nossas descobertas de jazidas de petróleo também beneficiarão o país, se formos hábeis. Teremos dinheiro para fazer investimentos como nunca tivemos. É importante saber gastar os recursos com investimentos, e não com custeios. É a maior responsabilidade dos líderes que estiverem no governo nas próximas décadas.

Há também a perspectiva de resolução de um velho problema. A pirâmide demográfica brasileira, antes a pirâmide de um país subdesenvolvido, com base larga e ponta extremamente estreita, está se modificando. Está virando pirâmide de país desenvolvido. Mais ainda: as pessoas que chegam hoje ao mercado de trabalho, na média, são muito mais educadas e preparadas do que há 20, 30, 50 anos. Ainda não são, na média, mais uma vez, educadas suficientemente. Mas já são mais do que no passado, é inegável. Se tivermos investimentos para que essas pessoas tenham empregos, o país crescerá muito mais do que a média dos chamados países em desenvolvimento. Mas quais são os solavancos no caminho?

Nos próximos 15 anos existirão, certamente, choques externos de naturezas diversas. Teremos (e correremos) riscos. O nosso processo de ascensão, provavelmente, não será linear. Passaremos por momentos difíceis, mas a melhora relativa do Brasil e do nível de vida do brasileiro em relação ao resto do mundo deve ser uma realidade na próxima década e meia. Esse fato colocará o Brasil, fatalmente, num outro patamar de discussões. Aliás, já o está colocando no tabuleiro das negociações internacionais.

Teremos que desenvolver conceitos estratégicos e adquirir conhecimento sobre os nossos parceiros para continuar

★ LIVROS RAROS E PERDIDOS? ★
LIVROS IMPOSSÍVEIS?
COLEÇÕES PRECIOSAS DESAPARECIDAS??
OBRAS RARAS E ESGOTADAS??

ENVIE SEU PEDIDO PARA:
sanskryttus@pop.com.br

★ **A ARQUEOLOGIA DOS** ★
LIVROS PERDIDOS!!
Porto Alegre - RS
Fones: (51) 3022-8989
(51) 9242-3387
★ **LIGUE AGORA!** ★

MAIS DE 15.000 OBRAS ESPECIAIS NO ACERVO.
DE 80 ANOS DE TRADIÇÃO E EXPERIÊNCIA.

★ **ENTREGA GRÁTIS** ★
PARA TODO BRASIL
POR SEDEX E/OU VARIG LOG
ENVIE SEU FONE P/ AGILIDADE NAS ENCOMENDAS

essa trajetória ascendente. O país ganha capacidade de influência, mas isso tem custos. Se influenciar negativamente, haverá uma reação; se influenciar positivamente, a reação também será positiva. Essa é uma das preocupações da FGV: como será o nosso posicionamento diante de inúmeros temas internacionais daqui a 15 anos. E não falo só de negociações, falo de questões mais complexas.

A tentação do Brasil

O final do século XX mostrou não existir mais política monetária realmente independente. Mobilidade de capitais, internet, todo mundo estudando tudo em detalhes... Paga-se um preço alto. Quando se passa para o século XXI, aprende-se que não existe mais política fiscal independente.

Os investimentos e a infra-estrutura de um país, a estrutura tributária e assim por diante irão determinar seu nível de competitividade. Se tivermos um concorrente na China ou na Alemanha que mais bem aplique o dinheiro de impostos favorecendo indústrias locais, ficaremos em desvantagem. A competição fará com que tenhamos de entender mais as finanças públicas dos outros países. Quais as naturezas dos processos orçamentários, as fraquezas e forças desses países?

O Brasil, em termos de visão do mundo, ainda está muito fechado em si. O que é natural, em certa medida, para um país com 190 milhões de habitantes, falante de um língua parecida, porém distinta da dos vizinhos, e que, até agora, pôde se dar ao luxo de ficar fechado em si mesmo. Um país que, recentemente, descobriu novas jazidas de petróleo; tem uma situação energética bastante razoável com muitas hidrelétricas a explorar; e terra agriculturável até não poder mais para ser cultivada. É possível pensar no curto prazo sim, sem grandes contorções, não é preciso sequer entender do resto. Mas essa é uma noção muito cara ao Brasil. E vem da época da expansão territorial brasileira, com a quebra dos limites do Tratado de Tordesilhas.

Os portugueses tiveram licença para explorar todo este imenso território. Mas a nossa conquista territorial se deu pelas bordas, para criar um gigantesco império. É uma espécie de Rússia americana: criamos um território enorme, mas agora é preciso explorar o interior dele. A tentação do Brasil de olhar somente para dentro de si é muito grande, mas é um conceito incompleto. O Brasil nasceu com a globalização, exportando pau-brasil no século XVI. É muito difícil para um país de 8,5 milhões de km², 190 milhões de habitantes, que tem seguido uma trajetória basicamente pacifista ao longo de sua história, ser bem-sucedido no cenário internacional se não tiver uma compreensão do mundo em que está inserido.

Nesse sentido, a Fundação Getúlio Vargas trabalha temas complexos. São questões envolvendo o desenvolvimento da identidade nacional, da cultura nacional, da técnica nacional, do conhecimento, e toda uma estratégia *think tank* com a criação de redes de interação intelectual. Essa é uma pálida idéia do que é o *think tank* da FGV.

A competição internacional

Em 2050 espero que a Fundação Getúlio Vargas não só exista como também seja muito maior do que é atualmente. Sou apenas o terceiro presidente desta instituição. Que em 2050 tenhamos o quarto ou quinto presidente. O nosso primeiro presidente, Luiz Simões Lopes (1903-1994), esteve 48 anos à frente da FGV, de 1944, ano da

fundação, até 1992. O nosso segundo presidente, Jorge Oscar de Mello Flôres (1912-2000), presidiu de 1992 a 2000 de maneira integrada à visão do primeiro presidente. Da mesma forma como sou integrado à visão dos dois anteriores. É importante essa continuidade da missão. Se a Fundação Getúlio Vargas perder a sua missão, deixa de ser a Fundação Getúlio Vargas.

Sob essa ótica, minha visão de futuro é manter todos os nossos cursos no topo da excelência. Mais do que isso, pensar agora em como entraremos para valer na competição internacional. É um projeto caríssimo e difícil que levará anos para ser concluído. Mas não é impossível. Na lista das 10 melhores instituições científicas no mundo, na área das ciên-


Se perdermos o ajuste fiscal, podemos perder a bonança. Não existe milagre em economia. Existe esforço, trabalho, planejamento

cias exatas, vemos em primeiro lugar o Massachusetts Institute of Technology (MIT), depois Harvard, Cambridge. Todas são universidades de orçamentos e doações imensos. Entretanto, entre as 10 primeiras também está a École Polytechnique, a Escola Politécnica da França, com um orçamento bem pequeno se comparado com as demais, mas com uso mais eficiente do dinheiro. O dinheiro é um limitador, mas *como* usar o dinheiro é um limitador ainda maior. Temos que usá-lo bem. Um segundo limitador é o curto prazo.

Para a competição internacional, há pouca gente no Brasil. Temos que investir na formação de pessoas. Mandar gente para estudar fora do país, que depois voltará para ser professor. Assim foi o início da Fundação Getúlio Vargas. E tem que continuar. Hoje não faz sentido

mandar alguém para um doutorado em Economia fora do país, por exemplo, porque o centro está aqui. Há uma excelente produção. Mas é preciso desenvolver em novas áreas. Não é algo trivial. É preciso ter foco, e para amadurecer leva tempo. Uma escola nova, por exemplo, pode ser excelente na graduação desde o dia da criação. Ela se aperfeiçoará em cinco, sete anos, quando passa à pós-graduação. Até chegar ao doutorado e estar madura leva mais tempo. As coisas são lentas. O sucesso da FGV se dá porque os projetos novos miram tão alto que chegam lá rapidamente. Muitas vezes na frente de outras instituições maduras, mas estagnadas. Estar maduro não significa estar em alto nível. Precisamos amadurecer e criar desafios para continuar subindo. E isso não é fácil.

Quanto ao projeto de crescimento do país, a melhor política é aquela em que o Estado providencia os serviços da melhor qualidade e antecipa as demandas futuras. Tudo aquilo que gera grande externalidade, como estradas, portos, aeroportos, sistema de controle aéreo, serviço médico de prevenção das doenças, deve ser executado com o máximo de esmero. Devemos aperfeiçoar sempre, porque na verdade essas medidas vão baixar custos, permitindo a uma empresa desenvolver sua vida normalmente. Tenho muito receio de incentivos específicos. Devemos planejar instituições, funcionamento de mercado.

Temos que olhar a natureza dos investimentos do Estado e pensar numa futura competição com os países e outras regiões do mundo. Analisar o que os outros estão fazendo para serem competitivos. É o que a FGV vem realizando: pensar estratégias para o Brasil de modo a tornar sustentável o desenvolvimento nacional. Ter sido eleita um dos 30 *think tanks* mais influentes do mundo não é só um reconhecimento do trabalho intelectual desenvolvido ao longo de 64 anos de existência da FGV, mas um desafio para continuarmos em busca da excelência, propondo soluções para um Brasil cada vez mais protagonista no cenário internacional. 

(Carlos Ivan Simonsen Leal é presidente da Fundação Getúlio Vargas desde 2000. Este depoimento é transcrição de entrevista concedida a Carlos Costa)